

*Apreciação Musical  
e Envolvimento:  
Um Estudo Sob  
a Perspectiva da  
Teoria do Fluxo*

*Mariana de Araújo Stocchero*

*Rosane Cardoso de Araujo*

Este artigo traz como tema a motivação no contexto de aulas de música na educação básica a partir da utilização de atividades de apreciação ativa. O objetivo geral é analisar o envolvimento de crianças em atividades de apreciação musical com base na Teoria do Fluxo (Flow Theory) de Csikszentmihalyi. Para este fim, foi realizada uma pesquisa quase-experimental, envolvendo 12 crianças de 8 e 9 anos de idade, pertencentes ao 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular de ensino básico da cidade de Curitiba/PR. As categorias de análise utilizadas foram baseadas nos estudos de Csikszentmihalyi e em estudos anteriores sobre experiência de fluxo e prática musical: desafios X habilidades, objetivos claros, concentração, controle da situação e prazer/envolvimento. Como resultado foi possível verificar que as atividades de apreciação musical ativa, realizadas pelas crianças, propiciaram um equilíbrio satisfatório entre desafios e habilidades; geraram um alto nível de concentração além de favorecer a percepção de objetivos claros; desencadearam um sentimento de “controle da situação” por parte das crianças, gerando altos índices de prazer e envolvimento e caracterizando, assim, a possibilidade das crianças vivenciarem o fluxo.

**Palavras-chave:** Motivação; Flow Theory; Apreciação musical.

## *Introdução*

O tema deste artigo<sup>1</sup> é sobre motivação no contexto de aulas de música na educação básica, visando uma compreensão deste processo nas atividades de apreciação musical sob o ponto de vista da Teoria do Fluxo (ou Flow Theory) de Csikszentmihalyi (2003; 1999; 1992). A teoria do fluxo é uma teoria que aborda a qualidade do envolvimento dos sujeitos em atividades realizadas com grande concentração e emoção.

A apreciação musical, relacionada com a teoria do fluxo neste estudo, é uma atividade muito utilizada na educação musical, principalmente no contexto escolar, por ser considerada de “fácil” aplicação e um meio acessível para as crianças entrarem em contato com o vasto mundo musical (WUYTACK; PALHEIROS, 1995).

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Experiências de fluxo na educação musical: Um estudo sobre motivação”, defendida em 2012 no Programa de Pós-graduação em Música da UFPR.

Também são vários os autores e pedagogos musicais que fornecem embasamento teórico e metodológico para defender a utilização de atividades de apreciação musical como eficazes e importantes para a interação, vivência, compreensão e aprendizagem musical (WUYTACK; PALHEIROS, 1995; DRUMMOND, 2000). Estes autores postulam que a apreciação musical é também uma forma de fazer musical, onde o aluno não é somente um ser passivo, mas envolvido em um processo de escuta prioritariamente ativo. Baseando-nos nestas considerações, portanto, trazemos o objetivo deste estudo: analisar o envolvimento de crianças em atividades de apreciação musical com base na Teoria do Fluxo. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma pesquisa quase-experimental envolvendo 12 crianças de 8 e 9 anos de idade, pertencentes ao 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular de ensino básico da cidade de Curitiba/PR.

A justificativa para este estudo é centrada no argumento sobre a relevância dos estudos sobre motivação e música no contexto da escola básica brasileira. Tal contexto tem sido foco de inúmeras discussões, pesquisas e estudos, principalmente, no momento atual de implementação da Lei n. 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008.

## *Teoria do Fluxo*

O envolvimento característico nas aulas de música em escolas regulares sofre constante variação de uma aula para outra, ou entre turmas diferentes, considerando-se os processos de motivação do aluno, do grupo de alunos, e do professor. Os aspectos motivacionais que surgem como formas de variações na intensidade do envolvimento podem ser observados à luz do estudo aprofundado da motivação e da Teoria do Fluxo de Csikszentmihalyi (2003; 1999; 1992).

Esta teoria tem relação com a recente vertente da psicologia positiva, que surge como um campo de estudo que busca entender o que torna a vida interessante e o que faz com que ela valha a pena ser vivida. É um novo paradigma da psicologia que vem ganhando credibilidade, pois trata de investigar as experiências positivas subjetivas (como contentamento, fluxo, perseverança, autodeterminação, criatividade, etc.) fundamentando-se em pesquisas empíricas que testam hipóteses e são baseadas em dados (REEVE, 2006).

Segundo Graziano (2008), a Psicologia Positiva não é uma teoria psicológica, tampouco um modismo, mas sim um movimento científico que nasceu nos Estados Unidos em 1998, a partir dos estudos de Martin Seligman que, juntamente com cientistas renomados de variadas universidades (dentre eles Mihaly Csikszentmihalyi), desenvolveu pesquisas quantitativas a fim de mudar o foco da Psicologia atual, passando a tratar da sanidade mental ao invés de focar nos porquês das doenças mentais. A autora esclarece que, “alguns teóricos a definem como o estudo científico das forças e virtudes próprias do indivíduo, que faz com que os psicólogos adotem uma postura mais apreciativa em relação ao potencial, motivação e capacidades humanas” (Ibid., 2008, p. 7).

Dentro da perspectiva da Psicologia Positiva, temos como exemplo a Teoria do Fluxo, que trata da qualidade do engajamento do sujeito em uma específica tarefa. Fluxo é definido como um estado de total envolvimento em uma determinada atividade que exija um alto grau de concentração, um nível de desafio compatível com a habilidade, e uma meta passível de ser cumprida, gerando um retorno (feedback) imediato. Tal experiência proporciona ao indivíduo um grande prazer, “lampejos de vida intensa” (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p. 37).

O fluxo, também chamado de experiência ótima, é um estado mental e emocional onde, “[...] as intenções e a motivação são identificadas como manifestações que auxiliam a concentração de energia psíquica, criando uma ordem na consciência e um empenho extraordinário do indivíduo na realização de uma atividade” (ARAÚJO, 2008, p.41).

É natural da mente humana, a desordem, o caos, os pensamentos constantes e desordenados, reflexões, informações e desejos. Quando há desordem na consciência, a concentração fica impossibilitada. Portanto, a concentração por vezes necessária em uma determinada tarefa, requer ordem na consciência (CSIKSZENTMIHALYI, 1999; ARAÚJO, 2008). Além da concentração, para que a experiência de fluxo ocorra, um fator importante é a manutenção do equilíbrio entre o desafio e o nível de dificuldade de uma atividade e as percepções que o indivíduo tem quanto à sua própria capacidade de realização. As habilidades precisam se desenvolver para enfrentar novos desafios; por sua vez, os desafios precisam ser renovados para

atrair e exigir habilidades em níveis mais acentuados. É um “círculo virtuoso” de aprendizagem, o qual Csikszentmihalyi chama de motivação emergente (CSIKSZENTMIHALYI apud CUSTODERO, 2006).

A relação entre desafios e habilidades é fundamental de tal forma que o desequilíbrio entre esses dois fatores impossibilita experiências de fluxo:

Se os desafios estão além das possibilidades do sujeito, acabam causando a ansiedade, a preocupação e conseqüentemente a frustração. Do mesmo modo, se os desafios estão abaixo das habilidades e capacidades do indivíduo, podem causar o relaxamento e por conseqüência a apatia, o tédio, enfim, o desinteresse (ARAÚJO, 2008, p. 42).

Pessoas que por muitas vezes experienciam o fluxo, desenvolvem um tipo de personalidade chamada autotélica, “perfil caracterizado pelo aumento da capacidade de concentração, auto-estima e satisfação” (ARAÚJO, 2008, p. 39). A palavra autotélica provém de duas palavras gregas: auto, que corresponde a em si mesmo, e telos, que significa finalidade, ou seja, a finalidade em si mesma (CSIKSZENTMIHALYI, 2008). São pessoas que realizam atividades por motivos intrínsecos e essa realização com o fim em si mesma é a chave para uma experiência ótima.

O fazer musical possui todas as características necessárias à experiência de fluxo. As condições que facilitam as experiências ótimas – percepção de objetivos claros, recebimento de feedback imediato, fusão de ação e atenção, existência de altos níveis de concentração, sentimento de estar no controle, e perda da autoconsciência – foram observadas em vários contextos musicais, em diversos estudos realizados, por exemplo por Custodero (1999; 2002-2003; 2005; 2006), Addressi e Pachet (2007), Adessi, Ferrari, Carlotti e Pachet (2006), Araújo, Torres e Ilescas (2007), Araújo e Pickler (2008).

### *Níveis de Apreciação Musical Segundo o Fluxo*

Csikszentmihalyi (2008) indica que, no que concerne à apreciação musical, é possível experienciar uma grande satisfação tanto

ao ouvir música gravada quanto ao ouvir música ao vivo: o que determina a qualidade da experiência é a atenção dedicada ao ato em si. Explica que as pessoas que demonstram maior potencial para obter satisfação ao ouvir música, são aquelas que desenvolvem algum tipo de estratégia para tal como, por exemplo, reservando um momento específico para se ouvir música, criando um ritual como sentar-se numa determinada poltrona, ou diminuindo a intensidade da luz; enfim, utilizando-se de qualquer estratégia que as auxiliem a focar a atenção.

O autor ainda determina três estágios referentes à apreciação musical: sensorio, analógico e analítico. O primeiro estágio que se vivencia ao ouvir música é geralmente o sensorio pois, neste estágio, respondemos aos estímulos sonoros através de reações físicas intimamente ligadas ao sistema nervoso. Bater palmas e pés, se movimentar, dançar, imitar a execução de instrumentos e reger são exemplos recorrentes destas respostas físicas ao estímulo sonoro (CSIKSZENTMIHALYI, 2008).

O nível seguinte é o modo analógico de escuta e, segundo Csikszentmihalyi (2008), à medida que mudamos de nível, a escuta é mais desafiadora e complexa. Neste nível, ao evocar sentimentos e imagens mentais baseados nos padrões sonoros musicais, habilidades de escuta estão sendo mais requisitadas e desenvolvidas. A música popular, mais especificamente a canção, induz o ouvinte, ao informar através das letras o estado de espírito, humor e história que a música supostamente representa.

Por fim, o nível mais complexo de apreciação musical é a escuta analítica, pois neste modo a atenção foca na estrutura musical, nos elementos da música e exige habilidades de reconhecimento de ordenação, harmonia e entendimento acerca das escolhas musicais realizadas, os caminhos seguidos pelo compositor. Também se inclui aqui a habilidade de avaliar criticamente a performance musical, comparando e diferenciando peças, interpretações e estilos (CSIKSZENTMIHALYI, 2008).

Dentre estes três estágios de escuta, definidos por Csikszentmihalyi, destacamos para este artigo particularmente o primeiro estágio – sensorio – por estar muito próximo aos processos de escuta ativa das crianças em contexto de sala de aula.

## *Descrição da Pesquisa e Resultados*

O delineamento metodológico utilizado nesta pesquisa foi o modelo quase-experimental, com a utilização de ferramentas de abordagem qualitativa e descritiva, a fim de complementar a análise e interpretação dos dados, resultando assim em uma metodologia “híbrida”. A coleta dos dados foi realizada com 12 crianças de 8 e 9 anos de idade, pertencentes ao 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular de ensino básico de Curitiba/PR, e que não oferecia aulas de música na grade curricular. Durante cinco aulas, com duração de 50 minutos cada, atividades musicais que contemplavam a apreciação, a execução e a composição musical foram aplicadas a fim de observar as reações e o comportamento motivado dos educandos. Tais dados foram interpretados sob a perspectiva das professoras/pesquisadoras e complementados por meio da avaliação de três juízes externos. Neste artigo, apresentamos os resultados e a análise referente às atividades de apreciação musical.

Para a análise dos dados coletados optou-se pela utilização de algumas categorias desenvolvidas com base em Csikszentmihalyi (1999) e também aplicadas por Adessi e Pachet (2007) em seus estudos. Foram utilizadas cinco categorias na análise das atividades de apreciação musical: desafios X habilidades, objetivos claros, concentração, controle da situação e prazer/envolvimento.

A primeira categoria, desafio X habilidades, consiste na relação entre o nível do desafio proposto na atividade em relação às habilidades do indivíduo. A segunda categoria refere-se à percepção clara por parte do aluno, dos objetivos inerentes às atividades, ou seja, “saber o que deve ser feito”, demonstrado através de um comportamento exploratório, associado ao interesse pelo feedback (percepção imediata do desempenho). A terceira categoria, concentração, refere-se ao alto nível de atenção e abstração do entorno, demonstrado através de um olhar direcionado, focado, onde o corpo todo está voltado para a ação da atividade. A categoria controle da situação, quarta categoria observada, refere-se à compreensão das regras inerentes à atividade, associadas ao senso de competência nas próprias ações e na certeza naquilo que se está fazendo. A criança participa da atividade porque assim o deseja. Por fim, a categoria prazer/envolvimento, traduz-se na condição de bem estar devido a uma sensação de competência, eficaz-

cia das próprias ações e autonomia. É caracterizado por expressões de alegria, serenidade e divertimento, bem como um alto nível de participação.

A análise dos dados foi realizada por meio da observação dos vídeos e dos relatos das aulas. Além das pesquisadoras, os três juízes externos analisaram as atividades em vídeo e lançaram os votos “baixo/médio/alto” para o envolvimento das crianças nas atividades, considerando-se cada uma das cinco categorias observadas. Os resultados a seguir são a síntese destas análises.

#### **4.1 As atividades de apreciação musical realizadas**

Para o desenvolvimento e aplicação dos planos de aula, optou-se pela utilização de um tema que envolvesse os alunos nas atividades propostas através da ludicidade e curiosidade, conectando-as de forma sistemática e fazendo sentido aos educandos. Essa unidade temática chamou-se “Música no Castelo do Rei” e caracterizava-se como uma sequência didática que agregava diversas atividades de educação musical que possuíam o tema “rei” e “castelo” em comum. Todas as músicas e atividades selecionadas foram retiradas de livros didáticos e materiais impressos e editados, reconhecidos no meio pedagógico musical. As atividades realizadas foram compatíveis com a faixa etária e procurou-se que sua aplicação seguisse o tempo de aprendizagem necessário para crianças não familiarizadas com as características das aulas de música. As atividades de apreciação musical consistiam em:

(A) Audição participativa da canção “Taquaras” (Palavra Cantada): Sentados em círculo, as crianças ouviam a canção onde, em um primeiro momento, a audição foi voltada para a fruição. Em seguida, acompanharam o andamento da música com instrumentos como mini paus de chuva, marcando a pulsação e variando a dinâmica, de acordo com as indicações da professora. Esta atividade foi desenvolvida e retomada durante a primeira e a segunda aula e, previamente, o mito do Rei Midas era contado para os alunos, conforme proposta de Cecília Cavalieri França (2008) em seu livro *Para Fazer Música*. Nesta história há um taquaral, daí a relação com a canção que apreciaram.

(B) Audição participativa de “Dança Alemã” (Tchaiko-

vsky): Conversou-se com os alunos sobre os bailes reais (como eram, a importância que tinham) e foi, então, ensinada a movimentação coreográfica para esta obra, conforme proposta de Elvira Drummond (2000) em seu livro *Ouvinte Ativo*. Explorou-se a percussão corporal, variando a formação – roda e duplas – e atentando para o compasso ternário da valsa.

As aulas foram filmadas por 4 câmeras que registravam as mesmas cenas de ângulos diversos, e operadas por um professor de música orientado a capturar as reações dos alunos durante as atividades. Então, para a posterior observação das imagens, foram escolhidas as tomadas que apresentaram melhor nitidez de som e imagem.

#### **4.2 Apresentação e análise das atividades de apreciação musical**

Na 1ª aula, a atividade de apreciação consistia na audição da canção “Taquaras”, os alunos participaram da audição inicialmente, apenas ouvindo a canção, enquanto a professora interpretava, dublando e gesticulando conforme a letra da música.

A categoria Desafios X Habilidades, proposta como a primeira categoria de análise, é particularmente significativa na teoria do fluxo. De acordo com Csikszentmihalyi (apud ARAÚJO, 2008), quando há equilíbrio entre os desafios propostos e as habilidades requeridas gerando um profundo comprometimento com a atividade realizada, existe uma alta probabilidade de o estado de fluxo ocorrer.

De acordo com as observações realizadas com o auxílio das filmagens, pôde-se perceber que, apesar da atividade trazer o desafio da escuta musical por meio de um repertório de música infantil acessível para a turma (canção do grupo Palavra Cantada), nem todos os alunos demonstraram a habilidade de escuta atenta para a realização da audição. Algumas reações desproporcionais, como gritos e risos exagerados de algumas crianças, bem como a euforia de todo o grupo, demonstraram que, pelo menos para este primeiro momento, o desafio da audição dessa canção foi médio, em relação ao nível de habilidade de alguns alunos. Esta constatação se deve ao fato de que o desafio consistia simplesmente na atividade de audição livre, sem a exigência, por exemplo, de prestar atenção em alguma particularidade da letra da canção ou mesmo em algum esquema rítmico específico. Outro motivo que pode justificar o comportamento eufórico

é o fato de ser a primeira vez da realização de tal atividade, o que pôde resultar numa certa ansiedade do grupo. Entretanto, os objetivos eram claros a todos, como o comportamento atento em direção à professora demonstrava.

A segunda categoria analisada foi a concentração. Para Csikszentmihalyi (apud ARAÚJO, 2008) a concentração em nível alto, a ponto de tornar a percepção de tempo alterada (horas parecem minutos) e gerar sensação de bem estar, é um forte indicativo de que o fluxo pode ocorrer. Csikszentmihalyi (1999, p. 38) afirma que “devido à exigência total de energia psíquica, uma pessoa no fluxo está completamente concentrada”; entretanto, o autor reforça que nos estados de exaltação e controle que estão muito próximos ao estado de fluxo, também há concentração. Portanto, é o nível desta concentração, juntamente com outros fatores, que podem determinar a existência do fluxo.

Havia concentração na maioria das crianças durante esta atividade, no entanto, fatores como ansiedade e a novidade em si, interferiram nesta concentração que geraria um profundo envolvimento, bem estar e perda da noção do tempo, fazendo com que ela permanecesse em nível médio. A concentração cedeu lugar à euforia, podendo as crianças se encontrar no estado de exaltação; entretanto, foi observado que os alunos possuíam o “controle da situação” – terceira categoria considerada nesta análise.

Adessi, Ferrari e Carugati (2012) descrevem o controle da situação como um elemento onde a criança monitora constantemente suas próprias ações, participando da atividade com autonomia, explorando possibilidades, dominando e modificando regras. O controle da situação foi especialmente constatado por meio das posturas relaxadas, do modo confortável e sem tensão com que os alunos receberam a atividade. Todos estavam voltados para o grupo, demonstrando prazer e envolvimento durante a audição da canção (Imagem 1)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> A publicação das fotos neste artigo foi autorizada pela escola e pelos pais dos alunos.



**Imagem 1. Prazer e envolvimento (euforia)**

**Créditos: Mariana Stocchero**

A atividade que se seguiu foi ainda com a canção “Taquaras”, com o diferencial que, desta vez, os alunos tocaram paus-de-chuva. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por classificar esta atividade também como sendo uma atividade de execução musical, porém o foco principal ainda residia na apreciação, na escuta ativa da canção em questão. Wuytack e Palheiros (1995, p. 37) afirmam que “é possível tocar, enquanto se ouve e ouvir, enquanto se toca”. Portanto, neste artigo, abordaremos esta atividade sob a concepção de uma apreciação musical ativa, uma vez que seu objetivo principal não foi alterado.

Após uma breve explanação da professora com relação à forma proposta para execução, a música foi iniciada e todos assumiram uma postura atenta e concentrada diante da música. Neste momento, a euforia observada na primeira audição da canção transformou-se em atenção direcionada à professora que, acompanhando com instrumentos, conduziu a turma numa nova experiência com a mesma canção.

Aqui, o encantamento característico de crianças que não têm oportunidade de tocar instrumentos regularmente pôde ser notado, diante da alegria dos alunos. A maioria seguiu a execução juntamente com a professora; entretanto, alguns alunos tocaram aleatoriamente, o que impossibilitou perceber nuances de execução que poderiam ter sido feitas. Mesmo assim, pareciam gostar da atividade e pediram para repetir.

Ao fornecer um elemento a mais, no caso, os paus-de-chuva, a complexidade da atividade foi aumentada, logo o desafio tornou-se maior; mesmo assim, as habilidades permaneceram compatíveis com os desafios. Os objetivos para a realização da tarefa foram claros (seguir a execução juntamente com a professora) e houve envolvimento de todos na atividade. Custodero (2006, p. 384) reforça que “para que haja o engajamento total numa atividade, os objetivos precisam ser acessíveis; a sequência dos eventos que guiam o processo precisa ser auto-evidente”. Compreendemos aqui que a forma como a atividade foi exposta à turma também foi determinante para que os alunos percebessem claramente os objetivos, pois a sequência de atividades tinha metas claras a serem cumpridas. Araújo (2010, p. 117) esclarece que na Teoria do Fluxo o estabelecimento de metas é importante, pois além de ser um conteúdo integrante das experiências de fluxo, “as metas são apresentadas como elementos que focalizam a energia psíquica do indivíduo e criam a ordem na experiência realizada”.

O sentimento de controle estava presente, pois alguns alunos pediram para repetir, outros demonstraram a presença do indicador de Custodero (2005) “antecipação” ao anunciar o que vem em seguida, bem como “expansão” ao continuar cantando a canção mesmo após seu término. Segundo Custodero (2005), estes dois indicadores observados são expressões de comportamento por monitoramento de desafios e são estratégias que as crianças utilizam para manipular o grau de dificuldade da atividade musical, no caso, deixando-a mais interessante e desafiadora. A criança se sente, portanto, no controle da situação ao sentir que há possibilidade de expressão e de manipulação do material musical.

Alguns comportamentos individuais e particulares de cada aluno reforçaram os altos níveis observados em todas as cinco categorias de análise. A concentração foi alta na totalidade dos alunos,

durante quase todo o tempo. Algumas vezes ela foi demonstrada através do olhar focado na professora, em outros momentos, foi observada através de um olhar mais interiorizado por parte do aluno, um “olhar para dentro”.

Nesta primeira aula, que foi também um primeiro contato com os alunos, observou-se uma considerável disposição das crianças em realizar as atividades propostas demonstrando atitudes de curiosidade, aceitação e interesse. A tabela abaixo (Tabela 1) sintetiza as observações feitas pelas professoras/pesquisadoras ao observar por meio das imagens o comportamento das crianças diante das atividades. As cinco categorias obtiveram níveis elevados de frequência e intensidade (médio e alto), considerando o grupo como um todo. Contudo, a categoria prazer e envolvimento foi a que se destacou mais claramente nas imagens coletadas, devido às constantes demonstrações de alegria por parte das crianças.

**Tabela 1 - Níveis de envolvimento da turma**

	Desafios X habilidades	Objetivos claros	Concentração	Controle da situação	Prazer e envolvimento
1ª audição	Médio	Alto	Médio	Alto	Alto
2ª audição (com instrumentos)	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto

**Fonte: dados das autoras**

Outro momento onde a apreciação musical ativa foi trabalhada, foi durante a “Dança Alemã”, uma valsa em ritmo ternário e forma “A-B-A”. Ao iniciar a aula, a professora relembrou, juntamente com os alunos, o caminho percorrido até então, recordando atividades anteriormente trabalhadas. Explicou que, para finalizar as aulas, a proposta era que os alunos participassem do “baile real”, desta vez dançando, realizando movimentos de acordo com a música.

Após uma primeira audição da música, onde todos seguiram a movimentação da professora, atentou-se para a forma da valsa,

ensaaiando as partes em separado, sem o áudio, apenas contando o tempo. Esta estratégia de estudar as partes também pode ser considerada como uma ação que gera metas claras e, conseqüentemente, a atenção na atividade. Neste sentido, Araújo (2008), tratando sobre a Teoria do Fluxo, explica que o estabelecimento de metas é um primeiro passo para que os indivíduos sigam num processo de concentração.

Nesta proposta de atividade de audição ativa, o terceiro nível de escuta, chamado por Csikszentmihalyi (2008) de escuta analítica, foi requisitado, pois o objetivo foi focar a atenção na estrutura musical (forma “A-B-A”) através da percepção dos elementos da música (padrões de frases) e da incorporação do movimento corporal que, segundo Custodero (2006), é um fator altamente relacionado às experiências de fluxo.

Após algumas execuções individuais, pares foram formados para que na parte “B” as crianças interagissem umas com as outras, batendo palmas com um colega. Durante esta atividade de apreciação musical ativa, percebeu-se um alto nível de concentração na maior parte dos alunos: olhares fixos nos movimentos da professora, com a boca ligeiramente aberta, autocorreção e antecipação aos comandos (Custodero, 2005); sorrisos naturais e movimentos não exagerados foram fortes indicativos deste estado mental presentes em quase todos os alunos. Acredita-se que a maneira com a qual a professora trabalhou a movimentação, realizando movimentos simples, mas interpretados de forma lúdica e engraçada, envolveu os educandos na atividade de uma forma que eles sentiram prazer, percebendo os objetivos claramente, obtendo feedback instantâneo quanto a sua performance, e se sentindo no controle de suas ações (Imagem 2 e Imagem 3).

A relação entre desafios e habilidades permaneceu equilibrada obtendo um alto nível na avaliação desta categoria. Durante boa parte do tempo, no decorrer desta atividade (cerca de 20 minutos), o clima era de exaltação e controle, caracterizados por alto nível de desafio e altas habilidades; por vezes e com alguns alunos, podendo até ser caracterizado como fluxo.



**Imagem 2. Dança Alemã – alegria**  
**Créditos: Mariana Stocchero**



**Imagem 3. Dança Alemã – atenção**  
**Créditos: Mariana Stocchero**

Ao analisar as imagens desta atividade percebeu-se que, quando realizaram a movimentação sozinhos, os alunos concentraram-se mais e cometeram menos erros; ao adicionar a movimentação compartilhada com o colega (batendo palmas), essa concentração foi abalada e, dependendo da interação entre os pares, perdeu-se em qualidade de execução. Quando houve sintonia entre os colegas (comunicação visual através da troca de olhares profundos, movimentação em direção ao outro, certo grau de intimidade, prazer e alegria sem exageros) a dupla entrou em sincronicidade e conseguiram um bom resultado. Houve ainda, duplas onde a sintonia não estava equilibrada, mas um indivíduo conseguiu guiar o outro, dominando a situação (Imagem 4).



**Imagem 4. Interação com os pares**  
**Créditos: Mariana Stocchero**

Também em recente estudo de Adessi, Ferrari e Carugati (2012), onde crianças eram convidadas a interagir com um Sistema Interativo Reflexivo (Plataforma MIROR), ora sozinhas, ora com

um colega, chegou-se a esta constatação de que ao agregar um colega à interação, ocorria em alguns casos, um decréscimo no estado de fluxo. Este decréscimo, por sua vez, pode ser explicado pela possível alteração nos níveis de concentração. As autoras explicam que este resultado pode ocorrer e está em concordância com a Teoria do Fluxo, que descreve o fluxo como um estado subjetivo.

As duplas que não conseguiram um bom desempenho rítmico musical caracterizavam-se por comportamentos agitados ou dispersos, sem a ocorrência de troca de olhares entre os pares, dirigindo o olhar muitas vezes para a professora ou para outros colegas da turma, demonstrando não dominar a situação. Entretanto, a maioria dos alunos demonstrou sentir prazer e envolveram-se na atividade, pedindo por repetição ao término desta, independentemente da qualidade da execução. Embora não tenha sido um objetivo avaliar o desempenho musical dos alunos, acredita-se que estes resultados podem refletir o estado emocional e mental dos indivíduos, auxiliando na percepção do clima motivacional do grupo.

Na tabela abaixo (Tabela 2), percebe-se que esta foi uma atividade facilitadora de fluxo, pois todas as cinco categorias atingiram uma alta pontuação.

**Tabela 2 - Níveis de envolvimento da turma**

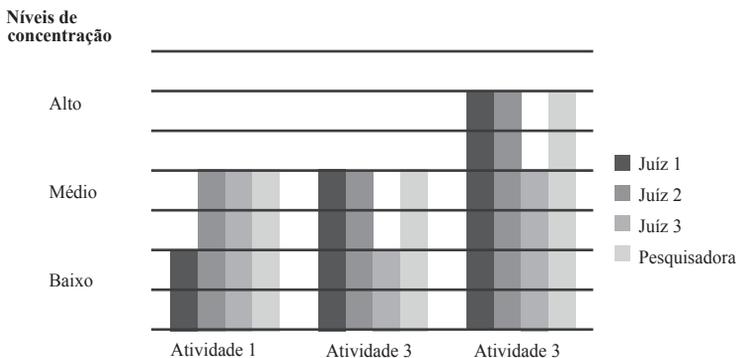
	Desafios X habilidades	Objetivos claros	Concentração	Controle da situação	Prazer e envolvimento
Atividade Apreciação musical ativa “Dança Alemã”	Alto	Alto	Médio	Alto	Alto

**Fonte: dados das autoras**

Ao cruzar os dados obtidos em cada aula, para as atividades de apreciação, optou-se por verificar os resultados específicos das categorias concentração e prazer/envolvimento, tidos por Csikszentmihalyi (1999) como dois elementos fundamentais para a experiência do fluxo. Para tanto, a análise cruzou os dados das três atividades de apreciação, obtidos por meio das observações das professoras/pesquisadoras e das avaliações dos três juízes externos, realizadas com as crianças

durante a pesquisa. Os resultados encontram-se nos gráficos abaixo: da turma

**Gráfico 1 - Concentração nas atividades de apreciação**

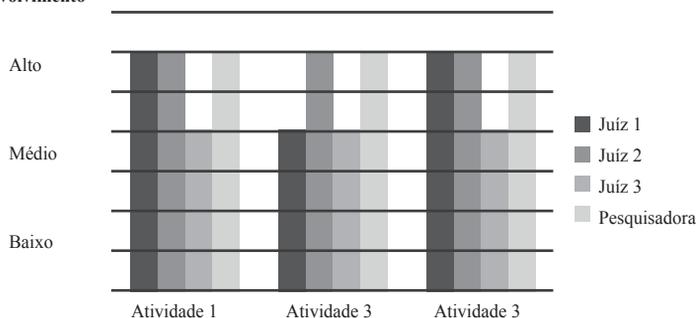


**Fonte: autoras**

Neste primeiro gráfico, que faz um apanhado das atividades de apreciação musical enfocando apenas a categoria concentração, verificamos que a maioria dos juízes externos corroboraram com as pesquisadoras quanto ao nível médio de concentração, nas duas primeiras atividades, que correspondiam à audição ativa da canção “Taquaras” (realizadas na primeira e segunda aula, respectivamente). Já na terceira atividade, “Dança Alemã” (realizada na quinta aula), os níveis de concentração obtiveram o conceito “alto”; este aumento no nível de concentração, possivelmente possa ser explicado pela incorporação do movimento físico que, nesta atividade, se fez mais presente.

**Gráfico 2 - Prazer e envolvimento nas atividades de apreciação**

Níveis de prazer e envolvimento



Fonte: autoras

O segundo gráfico possibilita a constatação de altos níveis de prazer e envolvimento observados pelas pesquisadoras/professoras e corroborados pelos juízes externos. As atividades 1 e 2 correspondiam à audição ativa da canção “Taquaras”. Na atividade 2, realizada na segunda aula (portanto não mais uma novidade), é possível que as expressões de prazer e o envolvimento tenham sofrido um decréscimo em relação à atividade 1, como demonstram as avaliações de dois dos três juízes externos. Novamente na atividade 3, “Dança Alemã”, altos níveis de prazer e envolvimento foram observados.

## Conclusão

As atividades de apreciação musical ativa, realizadas pelas crianças, propiciaram um equilíbrio satisfatório entre desafios e habilidades; geraram um alto nível de concentração, além de favorecer a percepção de objetivos claros; desencadearam um sentimento de “controle da situação” por parte das crianças, gerando altos índices de prazer e envolvimento e caracterizando, assim, a possibilidade das crianças vivenciarem o fluxo. Entretanto, estes resultados não podem ser generalizados, mas vinculados ao contexto onde as atividades foram realizadas e ao grupo de alunos participantes.

Com relação ao objetivo central desta pesquisa, acreditamos que não é somente o tipo de atividade que proporciona a ocorrência de fluxo, mas igualmente importante é a forma pela qual ela é apresentada para o grupo. As atividades de apreciação musical obtiveram êxito justamente devido às estratégias utilizadas pela professora ao apresentar as atividades para as crianças, utilizando-se de recursos diversos, tais como brincadeiras, instrumento musical (pau-de-chuva) e expressão corporal. Portanto, é interessante que o professor, tomando conhecimento sobre os processos que podem gerar maior envolvimento e atenção do grupo, disponha de recursos e estratégias motivacionais a fim de conduzir experiências ótimas e significativas em suas propostas de educação musical.

## ***Referências***

ADESSI, A. R.; FERRARI, L.; CARLOTTI, S.; PACHET, F. Young Children's musical experiences with a flow machine. In: 9th INTERNATIONAL CONFERENCE ON MUSIC PERCEPTION AND COGNITION, 9., 2006, Bologna. *Proceedings...* Bologna, 2006. P. 1660-1665. Disponível em: <http://www.csl.sony.fr/downloads/papers/2006/adessi-06.pdf>. Acesso em 20 mar. 2011.

ADDESSI, A. R.; FERRARI, L.; CARUGATI, F. Observing and Measuring the Flow Emotional State in Children Interacting with the MIRROR Platform. In: *Anais...* 12nd ICMPC-ESCOM, 23-28 July 2012, Thessaloniki, Greece, 2012. CD-Rom.

ADESSI, A. R.; PACHET, F. Sistemas musicais interativos-reflexivos para a educação musical. *Cognição e Artes Musicais*, v.2, n. 1, p. 62-72, 2007.

ARAÚJO, R.C.; TORRES, G.; ILESCAS, A.L. Prática instrumental e motivação: uma reflexão sobre a possibilidade da experiência de fluxo. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MÚSICAS INTERNACIONAL, 3., 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: EDUFBA, 2007. p. 504-510.

ARAÚJO, Rosane C. Experiência de fluxo na prática e aprendizagem musical. *Música em Perspectiva*, Curitiba: DeArtes, v. 1, n. 2, p. 39-52, out. 2008.

ARAÚJO, R. C.; PICKLER, L. Um estudo sobre a motivação e o estado de fluxo na execução musical. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS INTERNACIONAL, 4., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. v. 1, p. 01-06.

ARAÚJO, Rosane C. Motivação e ensino de música. In: ILARI, B. S.; ARAÚJO, R. C.; (Orgs.) *Mentes em música*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 111-130.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *A descoberta do fluxo*. Psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. *Good Business: Flow, Leadership and Making of Meaning*. New York: Viking, 2003.

\_\_\_\_\_. *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2008.

CUSTODERO, Lori A. Construction of musical understandings: the cognition-flow interface. *Cognitive processes of children engaged in musical activity conference*. Champaign – Urbana, IL, Jun. 1999.

\_\_\_\_\_. Perspectives on challenge: a longitudinal investigation of children's music learning. *Arts and learning research journal*, v. 19, n. 1, p. 23-53, 2002-2003.

\_\_\_\_\_. Observable indicators of flow experience: a developmental perspective on musical engagement in young children from infancy to school age. *Music Education Research*, v. 7, n. 2, p. 185-209, July 2005.

\_\_\_\_\_. Buscando desafios, encontrando habilidades: a experiência de fluxo e a educação musical. In: ILARI, B. (Org.) *Em busca da mente musical: Ensaio sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: UFPR, 2006. p. 381-399.

DRUMMOND, Elvira. *Ouvinte ativo*. Apreciação musical infantil. Fortaleza: 2000.

GRAZIANO, L. Psicologia positiva: a psicologia da felicidade. *Psiquê, Ciência e Vida*: Edição especial, São Paulo, ano III, n. 08, p. 6-11, 2008.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Para fazer música*. 2ª edição revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

REEVE, John. *Motivação e emoção*. Tradução de Luís Antônio Fajardo Pontes e Stella Machado. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

WUYTACK, J.; PALHEIROS, G. B. *Audição musical activa*. Livro do professor. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 1995.